



## CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO CONTEXTO DO AEE

Daniella Bezerra Feitosa Barbosa de Souza<sup>1</sup>

José Affonso Tavares Silva<sup>2</sup>

### GT 6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade

#### RESUMO

As salas de Recursos Multifuncionais foram criadas com o intuito de contribuir para o desenvolvimento educacional de alunos com deficiência. Nessa conjuntura, o objetivo principal deste artigo é analisar como o lúdico pode contribuir para o ensino de crianças com Síndrome de Down no contexto do Atendimento Educacional Especializado – AEE. Assim, parte-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, na qual, procura por meio de pesquisas já realizadas, principalmente, em meio a livros, artigos científicos, dissertações e teses, o conhecimento mais aprofundado de determinados fatos e questões que estão relacionadas, intrinsecamente, ao objeto de pesquisa. Os resultados encontrados mostram que a prática do professor do AEE, mediada pelo lúdico como instrumento pedagógico, contribui para o desenvolvimento da linguagem, sociabilidade e afetividade da criança com Síndrome de Down.

**Palavras-chave:** AEE. Lúdico. Crianças com Síndrome de Down.

#### ABSTRACT

How Multifunctional Resource Rooms are created with the purpose of contributing to the educational development of students with disabilities. In this context, the main objective of this article is to analyze how the playful can contribute to the teaching of children with Down Syndrome in the context of Specialized Educational Assistance (AEE). Thus, it is based on a research of a qualitative approach, of the bibliographic type, in which, it searches by means of researches already carried out, mainly, among books, scientific articles, dissertations and theses, the deepening knowledge of certain facts and questions which are related, intrinsically, to the research object. The results show that the EEA teacher's practice, mediated by play as a pedagogical tool, contributes to the development of the language, sociability and affectivity of the child with Down's Syndrome.

**Keywords:** AEE. Ludic. Children with Down Syndrome.

<sup>1</sup> Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Cândido Mendes – UCAM (2016). Especialização em andamento em Ensino de Ciências do Ensino Fundamental pelo Instituto Federal de Pernambuco – IFPE (2017). Graduada em Pedagogia pela Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar – FASVIPA (2014).

<sup>2</sup> Metrando em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Sergipe – UFS (2017). Especialização em Libras pela Universidade Cândido Mendes – UCAM (2016). Graduado em Pedagogia pela Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar - FASVIPA (2013).



## INTRODUÇÃO

As salas de Recursos Multifuncionais, em que se faz o Atendimento Educacional Especializado – AEE – a alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação foram criadas a partir da perspectiva da educação inclusiva, no qual, os alunos e alunas estudam em um turno na sala regular de ensino e no contra turno, são atendidos em suas especificidades, garantindo assim seu desenvolvimento educacional.

De acordo com a cartilha do censo de 2010, no Brasil, cerca de 23,9% do total da população têm algum tipo de deficiência, entre elas pessoas que possui alguma deficiência intelectual (BRASIL, 2017). Assim, as crianças com Síndrome de Down, incluídas nas escolas regulares, precisam receber um ensino de qualidade, em que desperte o interesse em estudar e promova um ensino menos transmissível. Acredita-se, desta maneira, que o lúdico pode contribuir para o desenvolvimento desses alunos.

Nesse contexto, definiu-se como problema deste artigo a seguinte questão: quais as contribuições do lúdico no ensino de crianças com Síndrome de Down no contexto do Atendimento Educacional Especializado? Como objetivo geral: analisar como o lúdico pode contribuir para o ensino de crianças com Síndrome de Down no contexto do Atendimento Educacional Especializado.

A temática em questão partiu da vivência enquanto professora de uma aluna com Síndrome de Down em perceber que, as aulas quando ministradas com uso do lúdico como ferramenta pedagógica, proporciona um ensino mais dinâmico e de fácil assimilação. Desta forma, a procura por pesquisas que discutem a prática pedagógica intermediada pelo lúdico em suas diferentes abordagens, ou seja, brincadeiras, brinquedos, jogos e dinâmicas educativas tende a contribuir para o conhecimento mais aprofundado da temática em questão.

Assim, este artigo parte-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, na qual, procura por meio de pesquisas já realizadas, principalmente, em meio a livros, artigos científicos, dissertações e teses, o conhecimento mais aprofundado de determinados fatos e questões que estão relacionadas, intrinsecamente, ao objeto de pesquisa de determinado estudo (GIL, 2008).

Nesse contexto, o artigo está dividido em três seções, sendo que inicialmente, discute-se sobre a educação inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado. Na seção dois, explana-se sobre o lúdico na prática docente nas salas de AEE e o ensino de crianças



com Síndrome de Down. Finalmente, faz uma discussão dos resultados encontrados e levantam-se algumas considerações sobre a pesquisa.

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DISCUSSÕES INICIAIS

A perspectiva da educação inclusiva, parte do pressuposto de uma educação para todos e todas sem nenhuma forma de preconceito, discriminação ou segregação. Alves e Barbosa (2006, p. 15) explanam sobre tal questão, no qual, colocam que:

A inclusão escolar, enquanto paradigma educacional tem como objetivo a construção de uma escola acolhedora, onde não existam critérios ou exigências de natureza alguma, nem mecanismos de seleção ou discriminação para o acesso e a permanência com sucesso de todos os alunos.

Diante disso, infere-se que a escola necessita compreender que cada sujeito, aqueles envolvidos no processo educacional, possui especificidades que se diferenciam, uma vez que a mesma contempla um ambiente heterogêneo, ou seja, há diferentes formas de pensar, de aprender, necessitando, desta maneira, a prática da aceitação e valorização das diferenças. Além disso, perceber no outro a capacidade de desenvolver-se integralmente e procurando desmistificar algumas ideias errôneas, principalmente no que concerne pessoa com deficiência.

As ideias criadas ao redor da pessoa com deficiência marcam visões discriminatórias e preconceituosas colocadas, na maioria das vezes, pela própria sociedade. Há algum tempo, acreditava-se que essas pessoas não podiam participar do espaço escolar, pois não possuíam capacidade ou “faltava” algo para integrar aquelas outras consideradas capazes ou “completas” (SOUZA, 2017).

Assim, a escola que se considera inclusiva, não pode permanecer com tal visão, o que requer mudanças práticas e efetivas. Estas mudanças que se iniciam dentro de cada indivíduo, isto é, quando se preocupa em pensar no outro, nas atitudes tomadas no dia a dia, nas diferentes estratégias que correspondam às especificidades de cada aluno e possibilitem a participação de todos e todas nas atividades escolares. Como também no ambiente favorável ao acesso e permanência dos alunos, além de outras ações que merecem ser repensadas e postas em prática.



Partindo desse pressuposto, as salas de recursos, que no Brasil foram criadas nos anos 80 e planejadas na década de 70 (ANJOS, 2011), traz um novo olhar para o desenvolvimento educacional de alunos com deficiência, em que possibilita atendimento especializado no horário contrário ao da classe comum, levando em consideração as necessidades dos estudantes e um ensino inclusivo.

O Atendimento Educacional Especializado é realizado à alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, assegurando uma aprendizagem por meio de recursos didático-pedagógicos especializados, mobiliário, arquitetura acessível, tecnologia assistiva, além de outros serviços que promovam o desenvolvimento e inclusão desses alunos no espaço escolar (BRASIL, 2009).

Diante disso, um dos fatores de grande relevância para o Atendimento Educacional Especializado em salas de recursos, é a presença de profissionais qualificados, em que demonstre através da sua prática os conhecimentos de como trabalhar com um público específico e que, muitas vezes, necessitam de um apoio que vai além do pedagógico, isto é, uma simples demonstração de afeto, carinho, valorizando as qualidades do sujeito.

## A PRÁTICA DOCENTE E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

O professor que atua nas salas de recursos, em que se faz o Atendimento Educacional Especializado – AEE – tem atribuições de acordo com a sua área de formação. Alves (2015) explana sobre essa questão informando que:

O professor da sala de recursos multifuncionais tem como atribuições:

- atuar, como docente, nas atividades de complementação ou suplementação curricular específica que constituem o atendimento educacional especializado dos alunos com necessidades educacionais especiais;
- atuar de forma colaborativa com o professor da classe comum para a definição de estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso do aluno com necessidades educacionais especiais ao currículo e a sua interação no grupo;
- promover as condições para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais em todas as atividades da escola;
- orientar as famílias para o seu envolvimento e a sua participação no processo educacional [...] (p. 17).

De acordo com a autora, as atribuições dadas a este professor vão desde a sala de aula até o contato com a própria família do educando. A família que é muito importante para o progresso do aluno, deve estar sempre participando do processo educacional de seu filho, passando para ele segurança e satisfação de vê-lo avançando em seus estudos, além de



participar de forma efetiva de reuniões, eventos escolares, cobrar da escola as ferramentas necessárias para a sua permanência no espaço escolar.

Com relação ao trabalho do professor do AEE, é possível perceber que não demonstra ser algo fácil. Além do que foi exposto, o docente deve aprontar materiais pedagógicos específicos para cada deficiência, como também, construir materiais que sirvam de apoio à classe comum, participar das reuniões pedagógicas, do planejamento, enfim, de todo o processo educacional que circunda o discente.

Em relação aos equipamentos que são usados para o atendimento aos estudantes, é possível conseguir informações veiculadas no portal do Brasil<sup>3</sup> (2015), em que:

A Secretaria de Educação Especial oferece equipamentos, mobiliários e materiais didático-pedagógicos e de acessibilidade para a organização das salas de recursos multifuncionais, de acordo com as demandas apresentadas pelas secretarias de educação em cada plano de ações articuladas (PAR). De 2005 a 2009, foram oferecidas 15.551 salas de recursos multifuncionais, distribuídas em todos os estados e o Distrito Federal, atendidos 4.564 municípios brasileiros - 82% do total.

Com essas informações fica esclarecido que quase todos os municípios brasileiros têm a sala de recursos, em que é oferecido o AEE. O que preocupa é de qual maneira estas salas estão sendo postas para o atendimento desses alunos, levantando, assim, os seguintes questionamentos: será que é possível encontrar profissionais qualificados e com responsabilidade para estar à frente destas salas? As secretarias oferecem formações continuadas para tais profissionais? Além disso, é possível encontrar um acervo significativo de materiais didático-pedagógicos para trabalhar com os alunos?

Nesse sentido, pensar na aprendizagem de alunos com deficiência no âmbito do Atendimento Educacional Especializado é um dos meios para promover a inclusão escolar. Todavia, é preciso levar em consideração as ferramentas necessárias para que esse desenvolvimento ocorra efetivamente, pois cada sujeito possui suas singularidades e necessidades diferentes, que precisam ser reconhecidas e trabalhadas, principalmente pelos professores.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATENDIMENTO A ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN**

<sup>3</sup> Acesso: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12295&Itemid=595](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12295&Itemid=595)



A Síndrome de Down (SD) é uma condição genética, reconhecida há muito tempo por John Langdon Down, que estabeleceu uma das causas mais frequentes de deficiência mental (DM), percebendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições especializadas (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000). Nesse sentido, geralmente, as crianças com Síndrome de Down podem ter comprometimento intelectual, necessitando de auxílio para seu desenvolvimento.

O Atendimento as crianças com Síndrome de Down ocorrem por meio do reconhecimento das características de cada indivíduo, isto é, a mesma metodologia pode não dar resultados satisfatórios para diferentes crianças com a síndrome. Nesse contexto, no que se refere ao processo de alfabetização, espera-se que o docente conheça e respeite os limites de seus alunos, pois:

Algumas crianças aprendem a ler e a escrever com certa rapidez, outras precisam de um tempo mais longo. Assim, faz-se necessário planejar atividades que estejam adequadas ao tempo de realização desses sujeitos. É preciso ter atenção com as atividades mais prolongadas, não se deve cobrar das crianças com a síndrome um tempo de atenção mais prolongado (CASTRO; PIMENTEL, 2006, p. 305-306).

Compreende-se que é necessário respeitar os limites de cada aluno para que a aprendizagem aconteça realmente, pois todo sujeito adquire conhecimento de maneira diferente. Nesse sentido, o planejamento de atividades que contemplem esse limite se torna indispensável, em especial à criança com SD, desta forma, o profissional estará contribuindo para o seu desenvolvimento no contexto da sala de aula.

A compreensão de que crianças com Síndrome de Down aprendem de maneira diferente das demais é muito importante. Sua resposta não será imediata a determinados mecanismos devido a sua aprendizagem ser mais prolongada e sendo muitas vezes fundamental, a repetição dos conteúdos estudados. É a partir desse momento que o educador pode observar o desempenho de seu aluno, as suas necessidades e o seu limite enquanto aprendiz.

A prática do professor, nesse sentido, requer ser repensada para promover um ensino inclusivo, em que esteja atenta à diversidade no espaço da sala de aula. Para Reis (2011, p. 31):

A escola inclusiva deve estar atenta à diversidade e para isso é fundamental uma mudança de atitude de toda a comunidade educativa, principalmente



dos professores que estão mais diretamente implicados no processo de ensino/aprendizagem.

A comunidade educativa, constituída por todos os funcionários da instituição, deve aceitar e respeitar a diversidade de seus alunos como o próprio autor menciona. Nesse instante, o discente se sentirá acolhido e valorizado, principalmente por seu professor que o verá como alguém capaz de aprender como os demais colegas, independentemente de alguma necessidade educativa especial, pois isto não implica em sua aprendizagem.

O fator social é um dos mais importantes para o atendimento a criança com Síndrome de Down, pois o contato com outras crianças e adultos, ela desenvolve a sua linguagem mais facilmente, a autonomia e sua identidade (CINTRA; VEIGA; OLIVEIRA, 2017). A partir desse contexto, o docente procura por ferramentas que auxiliem nessa questão, uma delas, é o uso do lúdico como instrumento pedagógico.

## O LÚDICO NA PRÁTICA DOCENTE NAS SALAS DE AEE

A prática lúdica é um tema que está cada vez mais sendo discutida na área educacional, pois parte-se da perspectiva de um ensino menos mecânico, em que o professor deixa de utilizar o quadro negro e o livro didático como as únicas ferramentas do ensinar, e passa a perceber a necessidade de novas estratégias, principalmente aquelas que colocam o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, além de propiciar uma aula mais dinâmica e envolvente.

Nesse contexto, ao explanar sobre a temática em questão, acredita-se ser necessário uma definição do que é o lúdico para se ter um conhecimento mais explícito do conteúdo a ser apresentado. Segundo Ferreira (1999, p. 1238), a palavra lúdico significa: “referente a, ou que tem caráter de jogos, brinquedos e divertimentos”. Assim sendo, o lúdico na visão educacional, é uma possibilidade de trabalhar a prática docente com metodologias diferenciadas, divertidas, prazerosas, através de brincadeiras, jogos e dinâmicas. É importante salientar que em tais estratégias devem existir sempre objetivos pedagógicos e educacionais, para que não se perca o seu propósito principal, ou seja, a aprendizagem discente.

O lúdico, em suas diferentes manifestações, propõe uma nova direção à prática do professor que ver no brincar da criança, por exemplo, uma possibilidade de acontecer aprendizagem. No que concerne a questão da brincadeira e do brincar, Santos (2008, p.113) explica que:



[...] está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação de seu comportamento; pois na formação da personalidade, nas motivações, necessidades, emoções, valores, as interações crianças/família e criança/sociedade estão associados aos efeitos do brincar.

Desta forma, através do brincar a criança expõe para o seu contexto exterior as suas emoções, necessidades, vivências familiares. Nesse momento, o professor pode aproveitar para identificar situações que no dia a dia não costumam ser percebíveis e, assim, procurar por estratégias que auxiliem na sua prática pedagógica.

Kishimoto (2011) expõe que “dentre as competências a serem construídas e desenvolvidas por um professor encontra-se a capacidade de desenvolver uma relação professor-alunos própria ao processo de ensino aprendizagem” (p. 187). Acredita-se, desta maneira, que o lúdico propicia essa relação ao trabalhar com fatores ligados a socialização, interação e afetividade que estão intrinsecamente relacionados a prática docente e o contexto do lúdico.

Vygotsky (2007) expõe que o importante diante do brinquedo na criança é a possibilidade de que com ela, tenha um gesto representativo, construindo desta forma sua função simbólica. O brinquedo e a questão do brincar infantil contribuem para o seu desenvolvimento enquanto sujeito sócio-histórico. Através dela, a criança abre oportunidade para sua criatividade e interage com os seus semelhantes.

Os teóricos citados discutem a importância do lúdico para o desenvolvimento da criança nos aspectos: cognitivo, social e afetivo. Assim, a ludicidade no campo da educação promove uma aprendizagem rica em significância para o discente, no qual, o professor através dos conteúdos escolares abre as portas para um ensino mais dinâmico através de jogos e/ou brinquedos e brincadeiras que são rotineiros na vivência do dia a dia dos alunos em seu meio social.

## **O LÚDICO E O ENSINO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO CONTEXTO DO AEE**

No contexto do Atendimento Educacional Especializado, o lúdico tem um lugar de destaque, pois promove por meio do brincar, do jogo, diferentes características que são muito importantes para o desenvolvimento da criança com deficiência. No que concerne ao aluno/aluna com Síndrome de Down, esse instrumento pedagógico viabiliza a coordenação





motora, a sociabilidade, linguagem, a depender do objetivo pretendido de acordo com especificidade do discente.

O lúdico é uma das possibilidades para estimular a criança com SD, quiçá a melhor diante de outros instrumentos utilizados pelo professor em sua prática. Assim sendo, Cintra, Veiga e Oliveira (2017, p. 7), explanam que:

Uma das melhores formas de estimulação para as crianças com síndrome de Down é através das brincadeiras lúdicas. Através de atividades lúdicas que envolvam as diversas linguagens artísticas como a dança, música, teatro, podemos trabalhar atividades que desenvolvam a criança de uma forma prazerosa, sem ser cansativo para ela.

Compreende-se que atividades lúdicas contribui para a aprendizagem da criança com Síndrome de Down, além de conduzir um ensino mais prazeroso. Todavia, é relevante destacar que todo instrumento pedagógico, antes de ser aplicado, precisa-se de um planejamento por parte do docente, para que não confunda o objetivo principal que se pretende alcançar. No caso do lúdico, esse instrumento não pode ser visto como um passatempo, em que o aluno brinca só por brincar e não se tem aprendizagem.

Uma das formas que o professor pode trabalhar em sua prática envolvendo o lúdico é a dança, que liberta a expressão corporal da criança e a interação com seus colegas. Ao dançar, a criança com SD compreende seus limites corporais, a noção de esquerda, direita, embaixo, em cima, todas essas questões, mediadas pelo professor que está fazendo o atendimento (CINTRA; VEIGA; OLIVEIRA, 2017).

Nesse contexto, pensar no ensino de crianças com SD nas salas de recursos, é refletir no planejamento diário de atividades que as estimulem socialmente, afetivamente e de outras formas. Diante disso, Castro e Pimentel (2009, p. 305), discutem que:

É importante que a escola tenha no seu planejamento diário atividades que exijam do sujeito com a síndrome trabalhos de: cooperação, organização, constituição, movimentos, compreensão, exploração de propostas lúdicas e materiais diversos para que a criança possa realizar atividades motoras como: correr, pular, rolar, entre outras. Essas ações contribuirão para o desenvolvimento social, afetivo, motor e da linguagem. Quanto maior for a sua estimulação, mais internalizados serão os domínios.

Os domínios de diferentes questões serão internalizados pela criança quando esta for estimulada pelo professor no ambiente da sala em que se faz o atendimento. Isso quer que, a busca por diferentes ferramentas por parte do profissional conjuntamente com a



coordenação, quando necessário, é muito importante. Assim, acredita-se que a criança com estímulos e instrumentos pedagógicos adequados, consegue se desenvolver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou uma discussão sobre as contribuições do lúdico no ensino de crianças com Síndrome de Down no contexto do AEE, embasando-se em pesquisas realizadas na área em destaque. A questão que norteou este trabalho foi: quais as contribuições do lúdico no ensino de crianças com Síndrome de Down no contexto do Atendimento Educacional Especializado?

Nesse âmbito, foi possível perceber que a prática do professor do AEE, mediada pelo lúdico como instrumento pedagógico, contribui para o desenvolvimento da linguagem, sociabilidade e afetividade da criança com a síndrome. Para tanto, constatou-se que é preciso planejamento antecipado por parte do profissional ao se trabalhar com determinada ferramenta, principalmente o lúdico.

Diante disso, este artigo contribui para o conhecimento mais aprofundado sobre as pesquisas que abordam a criança com Síndrome de Down e o seu ensino na perspectiva do AEE. Assim, espera-se que pesquisas futuras possam ser realizadas com o intuito de pôr em prática as discussões que foram realizadas neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. O. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002991.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2015.

ALVES, D de O.; BARBOSA, K. A. M. Experiências Educacionais inclusivas: refletindo sobre o cotidiano escolar. In: ROTH, B. W. **Experiências Educacionais inclusivas: programa Educação Inclusiva: Direito à diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

ANJOS, I. R. S. **O atendimento educacional especializado em salas de recursos**. GEPPIADE, vol. 9, Itabaiana-SE, 2011.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de dezembro de 2011**. Dispõe sobre educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cartilha do censo 2010: pessoas com deficiência**. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2017.



\_\_\_\_\_. **Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009.** Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, 2009.

CASTRO, A. S. A.; PIMENTEL, S. C. **Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar.** Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.

CINTRA, R. C. G. G.; VEIGA, E. C. F.; OLIVEIRA, A. N de. **As contribuições da ludicidade no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome de down: a expressão corporal na educação infantil.** Disponível em: <[http://\\_rosana-carla-gonalves-gomes-cintra-elaine-cristina-freitas-veiga-allyne-nunes-de-oliveira%20\(3\).pdf](http://_rosana-carla-gonalves-gomes-cintra-elaine-cristina-freitas-veiga-allyne-nunes-de-oliveira%20(3).pdf)>. Acesso em 01 dez. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo e a educação.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, L. M. A.; EL-HANI, C. N.; GUSMÃO, F. AF. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Rev. Bras. Psiquiatr**, 22 (2), p. 96-99, 2000.

VIGOTSKY, L. S., 1896-1934. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fonseca, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

REIS, I. A. M. **O papel dos professores na inclusão dos alunos com síndrome de Down.** 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Portucalense. 2011

SANTOS, M. P. dos; CRUZ, D. R. M. da. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOUZA, R de. C. S. **Educação especial em Sergipe (Séc. XX): uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas.** Aracaju: Criação, 2017.